



Avaliação,  
Políticas  
e Expansão  
**da Educação  
Brasileira 7**

**Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)**

Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)

Avaliação, Políticas e Expansão da  
Educação Brasileira 7

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Natália Sandrini  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

A945 Avaliação, políticas e expansão da educação brasileira 7 [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira; v. 7)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-464-1

DOI 10.22533/at.ed.641191007

1. Educação – Brasil. 2. Educação e Estado. 3. Política educacional. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série.

CDD 379.981

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

Atena  
Editora

Ano 2019

## APRESENTAÇÃO

O livro “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira” contou com a contribuição de mais de 270 artigos, divididos em 10 volumes. O objetivo em organizar este livro foi o de contribuir para o campo educacional e das pesquisas voltadas aos desafios atuais da educação, sobretudo, avaliação, políticas e expansão da educação brasileira.

A temática principal foi subdividida e ficou assim organizada:

Formação inicial e continuada de professores - **Volume 1**

Interdisciplinaridade e educação - **Volume 2**

Educação inclusiva - **Volume 3**

Avaliação e avaliações - **Volume 4**

Tecnologias e educação - **Volume 5**

Educação Infantil; Educação de Jovens e Adultos; Gênero e educação - **Volume 6**

Teatro, Literatura e Letramento; Sexo e educação - **Volume 7**

História e História da Educação; Violência no ambiente escolar - **Volume 8**

Interdisciplinaridade e educação 2; Saúde e educação - **Volume 9**

Gestão escolar; Ensino Integral; Ações afirmativas - **Volume 10**

Deste modo, cada volume contemplou uma área do campo educacional e reuniu um conjunto de dados e informações que propõe contribuir com a prática educacional em todos os níveis do ensino.

Entregamos ao leitor a coleção “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira”, divulgando o conhecimento científico e cooperando com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A COMPREENSÃO DE LETRAMENTO DOS ALFABETIZADORES DE JOVENS E ADULTOS	
Maria Isabel Tromm	
Rosana Mara Koerner	
DOI 10.22533/at.ed.6411910071	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>6</b>
A FORMAÇÃO E O FORTALECIMENTO DA LINGUAGEM TEATRAL COMO ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA PRÁXIS DOCENTE	
Hugo de Melo-Rodrigues	
José Albio Moreira de Sales	
Cicera Sineide Dantas Rodrigues	
Tatiana Maria Ribeiro Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6411910072	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>14</b>
A IMPORTÂNCIA DA ESPECIFICIDADE DA LINGUAGEM LITERÁRIA PARA UMA EDUCAÇÃO CRÍTICA	
Susana Vieira Rismo Nepomuceno	
Gabriela Alves Ferreira de Oliveira	
Andréa Portolomeos	
DOI 10.22533/at.ed.6411910073	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>23</b>
A UTILIZAÇÃO DE TEXTOS JORNALÍSTICOS COMO INSTRUMENTO DE EDUCAÇÃO CIENTÍFICA	
Rosemary Carvalho de Sousa	
Raphael Alves Feitosa	
Gerlyson Rubens dos Santos Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6411910074	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>29</b>
AQUISIÇÃO DAS PRIMEIRAS FORMAS DA LINGUAGEM INFANTIL	
Givaldo Carlos Candrinho	
DOI 10.22533/at.ed.6411910075	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>33</b>
ATIVIDADES DO PROJETO CAMINOS: ENTRE A LÍNGUA, A LITERATURA E A CULTURA ARGENTINA	
Carla Luciane Klos Schöninger	
Iasmin Assmann Cardoso da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6411910076	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>40</b>
DA PAIDEIA NA GRÉCIA CLÁSSICA À RELAÇÃO COM O <i>CORPO UTÓPICO</i> FOUCAULTIANO: ILAÇÕES SOBRE O DIÁLOGO DO DRAMATURGO ARISTÓFANES NO BANQUETE, DE PLATÃO	
Yvisson Gomes dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6411910077	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>49</b>
DALCÍDIO JURANDIR: UM ENSAIO SOBRE O ROMANCE DE FORMAÇÃO E A LITERATURA FORMATIVA	
Osileide de Jesus Lira Luzia Batista de Oliveira Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6411910078</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>59</b>
DESDE LA GESTIÓN DE COMPETENCIAS PLURILINGÜES EN HONDURAS HACIA EL DISEÑO DE UNA MAESTRÍA INNOVADORA EN DIDÁCTICA DE LENGUAS Y CULTURAS	
Jean Noel Cooman José Alexis Espino	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6411910079</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>70</b>
DESVENDANDO UM LUGAR NO TEATRO POR MEIO DO DANJURO: A TÉCNICA A FAVOR DA ADOLESCÊNCIA	
Leonardo Augusto Madureira de Castro Isabella Fernanda Ferreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64119100710</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>79</b>
EXPERIÊNCIAS INTERCULTURAIS E VIVÊNCIAS DE CIDADANIA: A LITERATURA INFANTIL COMO ESTRATÉGIA EDUCATIVA NA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR	
Ariana Silva da Fonseca	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64119100711</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>94</b>
FAÇA ARTE NO IFPR: ACESSO À EDUCAÇÃO, CIDADANIA E INCLUSÃO POR MEIO DA ARTE E DA CULTURA	
Máriam Trierveiler Pereira Kathleen Mariane da Silva Lorena Fernandes de Oliveira Terezinha dos Anjos Abrantes Creir da Silva Marcelo Trierveiler Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64119100712</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>112</b>
GRUPO DE TEATRO CATARSE: O TEATRO COMO POSSIBILIDADE DE DIÁLOGO SOBRE A INTOLERÂNCIA NA ATUALIDADE	
Ana Luiza Palhano Campos Silva Monick Munay Dantas da Silveira Pinto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64119100713</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>127</b>
IDENTIDADES EM RISCO: O DISCURSO DISSONANTE DE CAROLINA MARIA DE JESUS	
Janaína Da Silva Sá	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64119100714</b>	

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>139</b>
LEITURA E ESCRITA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E AS CONTRIBUIÇÕES QUE OS ESTUDOS SOBRE LETRAMENTO TEM NOS REVELADO	
Laine Cristina Forati de Alencar	
DOI 10.22533/at.ed.64119100715	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>150</b>
LITERATURA E GÊNEROS TEXTUAIS ADAPTADOS PARA A CULTURA SURDA	
Noemi Teresinha Gorte Nolevaiko	
DOI 10.22533/at.ed.64119100716	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>158</b>
O GÊNERO RESENHA DE FILME: UMA ANÁLISE DESCRITIVA DAS CAPACIDADES DE LINGUAGEM	
Thaís Cavalcanti dos Santos	
Kathia Alexandra Lara Canizares	
Rosa Maria Manzoni	
DOI 10.22533/at.ed.64119100717	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>172</b>
A IMPORTÂNCIA DA AULA DE LITERATURA NA ESCOLA	
Andréa Portolomeos	
Sophia Assis Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.64119100718	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>179</b>
O LETRAMENTO NA VOZ DOS ACADÊMICOS DE PEDAGOGIA	
Jéssica Fernanda da Silva Gomes	
Rosana Mara Koerner	
DOI 10.22533/at.ed.64119100719	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>185</b>
O TEATRO COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA NO ENSINO FUNDAMENTAL	
Aurora Fernanda Aquino Garcete	
DOI 10.22533/at.ed.64119100720	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>194</b>
RELATO DE EXPERIÊNCIA SISTÊMICA EM SALA DE AULA: PROJETO PINTANDO COM GRAFITE - ESCOLA ESTADUAL PASCOAL RAMOS, CUIABÁ, MT	
Dilma Aparecida Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.64119100721	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>201</b>
UMA ABORDAGEM DO TEXTO LITERÁRIO EM SALA DE AULA ATRAVÉS DAS RODAS DE LEITURA	
Simone Aparecida Botega	
Andréa Portolomeos	
DOI 10.22533/at.ed.64119100722	



<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>209</b>
UMA REVISÃO DE LITERATURA SOBRE TEATRO NA EDUCAÇÃO E A PROBLEMÁTICA DA INDÚSTRIA CULTURAL E DA SEMIFORMAÇÃO NAS PESQUISAS	
Leonardo Augusto Madureira de Castro	
Isabella Fernanda Ferreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64119100723</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>223</b>
RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM PROGRAMA DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA COM ADOLESCENTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE SÃO CARLOS-SP	
Ana Caroline Marques de Souza	
Caroline Bastos de Souza	
Laís Ferraz de Assis Pinto	
Ariele Gomes Botelho	
Adriele da Silva Braga	
Fernanda dos Santos Mendes	
Iury Antônio Oliveira Sá	
Rosilene Côrrea dos Santos Mendes	
Valmir Samuel Farias	
Maristela Carbol	
Fernanda Vieira Rodovalho Callegari	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64119100724</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>228</b>
LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO SEXUAL ADOLESCER: ESPAÇO DE TROCA DE EXPERIÊNCIAS	
Giseli Monteiro Gagliotto	
Franciele Lorenzi	
Franciéle Trichez Menin	
Gisele Arendt Pimentel	
Eritânia Silmara de Brittos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64119100725</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>235</b>
AQUISIÇÃO DAS PRIMEIRAS FORMAS DA LINGUAGEM INFANTIL	
Givaldo Carlos Candrinho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64119100726</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>239</b>

## DALCÍDIO JURANDIR: UM ENSAIO SOBRE O ROMANCE DE FORMAÇÃO E A LITERATURA FORMATIVA

**Osileide de Jesus Lira**

leidelirio@hotmail.com

**Luzia Batista de Oliveira Silva**

lubaos@gmail.com

formação do Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** educação, literatura, expressões regionais.

**RESUMO:** No Brasil e no mundo ocidental, especialmente, diversas obras literárias estão sendo analisadas e adotadas nos meios acadêmicos como valiosos documentos de cultura, de história e de memória de grupos com seus contextos sociocultural, históricos, sociológicos e políticos. Tornam-se por isso, fontes relevantes no que tange às pesquisas, por exemplo, ao campo da educação. A obra literária de Guimarães Rosa é um exemplo desse tipo de documento com as dimensões supracitadas, no gênero romance literário formativo e de formação (*Bildungsroman*). Na Alemanha, o modelo de romance de formação que melhor aponta as características com maior precisão, é a obra de Goethe, *Wilhelm Meisters Wanderjahre* (cf BOLLE, 2011), obra modelar que se tornou exemplar quando se refere ao gênero romance de formação, ao narrar as experiências do homem comum na busca de sua formação universal para uma nova sociedade moderna. Enfatizou-se, por isso, neste artigo, a obra *Grandesertão.br* (2004) de Willi Bolle, que analisa os discursos narrativos roseanos a fim de entender a complexidade da

### DALCÍDIO JURANDIR: ESSAY ON FORMATION NOVEL AND FORMATIVE LITERATURE

**ABSTRACT:** In Brazil, and in the Western world especially, several literary works are being analyzed and adopted in academic circles as valuable documents for culture, history and group memory within their sociocultural, historical, sociological and political contexts. They are therefore relevant sources for research, for example, in the field of education. The literary work of Guimarães Rosa is an example of this type of document with the abovementioned dimensions in the literary formative and formation novel (*Bildungsroman*) genre. In Germany, the formation novel model that best and more precisely indicates these characteristics is Goethe's work *Wilhelm Meisters Wanderjahre* (cf BOLLE, 2011), a model work that became exemplary when it comes to the novel of formation genre by narrating the experiences of the common man in search of their universal formation for a new modern society. Therefore, in this article, we emphasize Willi Bolle's work *Grandesertão.br* (2004), which analyzes Rosa's

narrative discourses in order to understand the complexity of Brazil's formation.

**KEYWORDS:** Education, Literature, Regional Expressions.

Fez-se uma reflexão sobre o Romance de Formação mediante a leitura de Guimarães Rosa feita por W. Bolle. Depois, discutiu-se a literatura formativa no contexto da formação humana no Brasil.

O Romance de Formação (*Bildungsroman*) é também conhecido como romance educativo. Trata-se de um gênero literário com origem e classificação na Alemanha do século XVIII. É, *a priori*, um romance que narra a trajetória de aprimoramento individual da personagem, da infância até a idade adulta, em contraste com as experiências coletivas por ela vividas e exemplificadas, fornecendo um modelo educativo para outrem. “Bildungsroman é um tipo de romance que se caracteriza pela formação do protagonista e do leitor nos princípios do humanismo, produzindo uma tentativa de síntese entre práxis e contemplação”. (QUINTALE, 2009, p.186).

Esse gênero literário tem seus registros, de primeira utilização, na Europa, mais especificamente, na Alemanha do século XVIII, e apresenta características muito particulares desse período. Nasce como resposta aos anseios de uma Alemanha que se encontrava dividida em estados independentes e estratificada em classes sociais e que encontrou, nesse gênero literário, a possibilidade de representação social de uma classe emergente, carente de tradição e modelos, a burguesia que surgia com o início da idade moderna capitalista.

O *Bildungsroman* será abordado como uma instituição atrelada a megaconceitos em circulação na história cultural do século XVIII, como a educação e formação das diferentes classes sociais, ao lado do estabelecimento do romance como gênero literário ‘digno’. Trata-se, portanto, de uma instituição social literária, composta, por um lado, pelo conceito histórico da *Bildung* burguesa, fundamental para o funcionamento da sociedade absolutista tardia na Alemanha do final do século XVIII, e, por outro, pela grande instituição literária do mundo moderno, o romance. (MAAS, 2000 p.14).

Com o início da modernidade na Alemanha, a literatura produzida na Academia, num processo de busca de identidade nacional que abre espaço para uma tendência teórico-estética denominada Estética da recepção, objetiva alinhar-se à sociedade da época, em termos de produção e recepção da obra.

A chamada ‘Estética da Recepção’, tendência teórico-estética da qual Hans Robert Jauss foi um dos articuladores, nasceu no calor das reformas universitárias. Jauss e seus colegas de Konstanz passaram a demandar uma historiografia literária que, em sintonia com a história, recuperasse as diversas leituras de uma mesma obra ao longo de sua existência cronológica. Isso significa que a obra de arte deveria ser entendida não somente a partir de sua imanência ou de sua constituição estética, mas também por meio de sua ‘atuação e de seus efeitos’ (*Wirkung*) sobre o público de uma época. *Interpretar* a obra literária significa, para a Escola de Konstanz, recuperar as diversas interpretações construídas ao longo de sua existência histórica, abandonando-se assim a busca de um sentido único, de uma verdade determinante da obra de arte literária. (MAAS, 2000 p.11).

Segundo Maas (2000), essa tendência literária historiográfica, a Estética da

recepção, possibilitou a construção das bases de aceitação, pela sociedade burguesa da época, do romance de formação, que, ao mesmo tempo, elevou o gênero aos meios acadêmicos da época, conferindo, ao romance, a titulação literária de 'digno'. Tal processo retrata uma sociedade em busca de uma identidade que não esteja vinculada aos extratos sociais tradicionalmente ligados à aristocracia.

Nesse contexto, surge o romance de formação, uma literatura que pretende ser instrutiva nessa recém-transformada ou nascida sociedade que anseia por modelos que atendam às suas aspirações; uma literatura que contempla o modo capitalista burguês de viver, constituindo-se num padrão que reflete a luta da burguesia em processo de autonomia política e de ascensão para uma aristocracia, ao mesmo tempo em que mostra sua autoformação e aperfeiçoamento através da narrativa de experiências individuais e coletivas vividas pelos personagens. Quintale (2009) pontua que, para Jacobs e Krauser (1989), o padrão a seguir reúne as características que devem ser observadas para a identificação do gênero romance de formação:

O protagonista deve ter uma consciência de certa forma explícita de que ele próprio não percorre uma sequência de aventuras mais ou menos aleatórias, mas sim um processo de autodescobrimento e de orientação no mundo. Com isso, via de regra, a imagem que o protagonista tem da meta de sua trajetória de vida é determinada por enganos e avaliações equivocadas, devendo ser corrigidas apenas no transcorrer de seu desenvolvimento. Ele tem como experiências típicas: o abandono da casa paterna, a atuação de mentores e de instituições acadêmicas, o encontro com a esfera da arte, confissões intelectuais eróticas, experiência profissional e também, eventualmente, contato com a vida política. Na plasmação e na valorização desses motivos, os romances diferem extraordinariamente. Contudo, através da orientação para um final harmonioso, eles recebem necessariamente uma estrutura teleológica. (JACOBS e KRAUSE 1989, p. 37; QUINTALE, 2009, p.187-88)

Tais características descritas foram observadas, com maior precisão, na obra de Goethe *Wilhelm Meisters Wanderjahre* (cf BOLLE, 2011), a qual se tornou uma obra modelar quando nos referimos ao gênero de romance de formação. Nessa obra, o autor narra as experiências do homem comum na busca de sua formação universal para uma nova sociedade moderna.

Essa busca de uma identidade, de uma formação universal do indivíduo, não ocorre como um abrupto processo revolucionário de ruptura; ao contrário, é lento e gradual. Afirmaria, inclusive, que não se pretende uma substituição da aristocracia pela burguesia, na sociedade alemã, e, sim, um processo de hibridismo social, político e cultural em que houvesse um redirecionamento das prioridades da classe dominante, ganhando, assim, uma nova roupagem, o capitalismo moderno.

Esta pretensão de formação do novo homem, para a nova sociedade, para a modernidade, não se baseia em bruscas mudanças revolucionárias, mas em um processo lento e imperceptível ao homem comum. Quanto mais imperceptível for essa formação, mais eficaz e mais influente ela será. (QUINTALE, 2009, p.195).

Apesar da maciça adesão e enobrecimento do gênero literário, sendo elevado, pela sociedade burguesa, aos meios acadêmicos europeus, o romance de formação sofre duras críticas dos teóricos da teoria crítica, como Walter Benjamin, para quem,

o nascimento do romance representa o declínio das experiências transmissíveis, da narrativa oral. Nascido no início da era moderna, com a invenção da imprensa e a consequente materialidade dos registros escritos e sua propagação em larga escala, o romance é um dos principais símbolos da era moderna, capitalista e burguesa porque,

O romance, cujos primórdios remontam à Antiguidade, precisou de centenas de anos para encontrar, na burguesia ascendente, os elementos favoráveis a seu florescimento. Quando esses elementos surgiram, a narrativa começou pouco a pouco a tornar-se arcaica; sem dúvida, ela se apropriou de múltiplas formas, do novo conteúdo, mas não foi determinada verdadeiramente por ele. (BENJAMIN, 2008, p.202).

Benjamin analisa o romance como um gênero que retrata uma época em que as experiências transmissíveis perdem força, pela necessidade de tempo. Vive-se o agora em uma urgência do hoje, em um individualismo e isolamento do homem no capitalismo moderno. Para ele, “A origem do romance é o indivíduo isolado, que não pode mais falar exemplarmente sobre suas preocupações mais importantes e que não recebe conselhos nem sabe dá-los”. (BENJAMIN, 1994, p. 201).

Benjamin classifica o romance de Goethe como uma tentativa de incluir algum ensinamento ao gênero, mas o resultado foi apenas uma modificação no próprio gênero, dando origem ao romance de formação.

Quando no correr dos séculos se tentou ocasionalmente incluir no romance algum ensinamento - talvez o melhor exemplo seja *Wilhelm Meisters Wanderjahre* (*Os anos de peregrinação de Wilhelm Meister*)-, essas tentativas resultaram sempre na transformação da própria forma romanesca. O romance de formação (*Bildungsroman*), por outro lado, não se afasta absolutamente da estrutura fundamental do romance. Ao integrar o processo da vida social na vida de uma pessoa, ele justifica de modo extremamente frágil as leis que determinam tal processo. A legitimação dessas leis nada tem a ver com sua realidade. No romance de formação, é essa insuficiência que está na base da ação. (BENJAMIN, 1994, p. 201 - 202).

Portanto, para Benjamin, o romance de formação é uma evolução do romance burguês, que tem sua base e modelo no romance de Goethe, e que nasceu sem ter a intenção de ser um novo gênero, mas com o objetivo de aperfeiçoamento do romance, gênero literário que preenche as necessidades e urgências de um tempo social de uma elite capitalista e burguesa.

Segundo W. Bolle (2004), o romance de Goethe não tinha intenção de tornar-se um romance educativo, como um modelo individual a ser seguido e incorporado por uma classe social<sup>1</sup>. Para Bolle, o trabalho de Goethe vai além dessa proposta. Trata-se de mostrar que “os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister, longe de focalizarem apenas a trajetória de formação do herói, são baseados numa profunda reflexão sobre a sociedade, sacudidos pela revolução de 1789”. (BOLLE, 2004, p. 380).

Ele sugere uma releitura social vista a partir da Revolução Francesa (1789), na qual ele propõe um diálogo entre as classes e não o confronto entre elas. Apesar de ser lido e interpretado apenas como um romance de formação ou educativo de

---

1. Nesse caso, trata-se da ascensão burguesa.

um indivíduo, ele é, para Bolle (2004), muito mais um romance social que deve ser visto como um romance de formação social, pois, juntamente com a narração das experiências individuais do personagem central, ele dá relevo à narração dos costumes, das motivações comportamentais e dos padrões de conduta; expõe o modo de vida, os preconceitos e os valores da sociedade alemã.

A ideia de que a pessoa se forma num campo de energias sociais e políticas é sustentada estrategicamente pela figura do narrador, que realiza o complexo trabalho de mediação entre os discursos sociais. Procurando uma alternativa na revolução, a meta de Goethe não é a luta de classes, mas o *diálogo* entre as classes em conflito. (BOLLE, 2004, p. 382).

Partindo desse pressuposto, Bolle, em seu livro *Grandesertão.br* (2004) propõe a leitura do livro *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa (1956), como uma leitura de romance de formação do Brasil, em que ele analisa os discursos narrativos criptografados roseanos para entender a complexidade da formação do Brasil.

Quanto à proposta de um diálogo entre as classes, o romance de Guimarães Rosa contém o mais complexo e refinado estudo sobre essa questão, que é tratada em sua dimensão linguística, através de um novo método de escrever história. A tese aqui defendida em *Grande Sertão: Veredas* como romance de formação do Brasil, além de ser sustentada pelos elementos constitutivos de composição já mencionados... é corroborada por vários outros elementos de composição: a situação narrativa e texto difícil, que problematizam a questão do diálogo; a forma despedaçada e criptografada em que é narrada a história do Brasil; o mergulho na língua como médium para se pensar o país; e todo um conjunto de procedimentos do narrador ligados ao trabalho de mediação. (BOLLE, 2004, p. 384).

Para Bolle, com as estruturas narrativas criptografadas, Rosa apresenta uma proposta de olhar o país na perspectiva de construção social que engloba as anteriores já descritas em outras obras, com a possibilidade de uma releitura sob outro prisma.

Willi Bolle conta que ele era um jovem estudante alemão de 22 anos quando se deparou, pela primeira vez, com a obra de João Guimarães Rosa (1908 - 1967) *Grande Sertão: Veredas* (1956). Para ele, foi um encontro tão instigante e fascinante que motivou sua vinda ao Brasil, em uma cansativa viagem de navio que durou 20 dias. País adotado por ele, o que ele busca em seu livro *Grandesertão.br* (2004) é investigar e conhecer o Brasil a partir de uma escrita – originalíssima e peculiaríssima – cheia de transgressões gramaticais e lexicais, que torna Guimarães Rosa, na opinião de Bolle, o maior escritor do Brasil do século XX.

Em seus estudos sobre Guimarães Rosa, Bolle apresenta algumas ideias, como eixo central de análise que nos ajudam a compreender as vertentes de seu trabalho. A metodologia adotada por ele para fazer suas análises teve, como suporte, suas leituras sobre os aspectos sociológicos, históricos e políticos que permeiam a obra de Rosa. Sua escolha por esse autor se justifica pela grandiosidade da sua obra, em todos os aspectos, desde o linguístico, o ficcional até o realista, artístico e documental. A obra é de uma linguagem “difícil e labiríntica”, mas fascinante. Para Bolle, deve ser por esses, dentre outros motivos, que *Grande Sertão: Veredas* é a fonte de milhares

de pesquisas no Brasil e no exterior.

Bolle desenvolve seu trabalho fazendo uma análise comparativa e analítica da obra de Guimarães Rosa com *Os Sertões* de Euclides da Cunha, insistindo na tese de que Guimarães Rosa reescreveu, de forma brilhante, a obra de seu antecessor. Com essa afirmativa, Bolle deixa claro que sua análise vai ser feita com base na comparação analítica entre esses dois autores, sem que, com isso, queira insinuar que a segunda obra é cópia da primeira, mas, seguindo a teoria de Goethe que afirma que, de tempos em tempos, a história deve ser reescrita.

O conceito de reescrita aqui utilizado baseia-se numa ideia de Goethe, desenvolvida na teoria das cores (1810): 'é necessário que a história universal de tempos em tempos deva ser reescrita'. O que torna necessária tal reescrita são as mudanças do contexto, a descoberta de perspectivas que permitem 'ver e avaliar o passado de maneira nova' e a utilização de novas formas de expressão. Essa ideia será explorada aqui com contribuições dos três grandes paradigmas da reescrita: renascentista-classista, o romântico ou moderno e o pós-moderno. (BOLLE, 2004, p. 30).

Nessa perspectiva de análise, Bolle estabelece um paralelo comparativo entre as duas obras, deixando claro que o objetivo não é diminuir a obra de Euclides da Cunha, mas cotejá-la com a obra de Guimarães Rosa, visto que cada obra foi escrita em um contexto em que cada autor esteve submetido às condições de sua época e possui valor único. Bolle diz que a crítica foi feita, positivamente, com o objetivo principal de compreender as contribuições, de caráter social, desses autores para a formação do Brasil.

Na comparação dessas duas obras, o conceito de crítica aqui utilizado é inteiramente positivo de acordo com o romantismo de Iena. Se a obra anterior (*Os Sertões*) é às vezes apresentada neste estudo em um tom de julgamento, isso se deve sobretudo a razões de contraste; não se trata de diminuir a obra posterior 'melhor', e sim de revelar como ambas as obras contribuem para o projeto de formação cultural (BOLLE, 2004, p. 32).

Bolle pontua alguns aspectos na obra de Cunha que foram superados por Rosa, como a pretensa neutralidade de escrever e documentar a história de ambos os lados, dos vencidos e dos vencedores, de forma neutra e imparcial, afirmando não ser possível escrever sem se deixar influenciar por convicções e preceitos morais. Para tal constatação, ele retoma a ideia de Hegel que afirma "que a narração da história pressupõe uma consciência moral do autor enquanto posicionamento a favor ou contra determinado sistema legal". (HEGEL, cf BOLLE, 2004, p.35). Essa ausência de posicionamento claro não é encontrada no romance de Rosa que, além de ampliar conceitos já inaugurados por Cunha, como geo-história, história social e narrativa heroificada dos acontecimentos, se posiciona criticamente em sua narrativa.

Para Bolle, a obra de Guimarães Rosa é o mais completo panorama dos retratos do Brasil, pois apresenta a divisão, em classes, do país e a ausência de diálogo, apontada por ele como um dos maiores problemas que entravam o desenvolvimento do nosso país. Para confirmar isso, ele explora "os espaços do discurso e da mentalidade,

no nível histórico individual e coletivo”, utilizando a figura do jagunço, numa inversão de perspectiva, dando a palavra a quem não tem voz em nossa sociedade.

Em sua análise, Bolle, busca interpretar as relações sociológicas, históricas e políticas apresentadas na obra *Grande Sertão; Veredas*. Rosa narra o pacto entre o jagunço letrado Riobaldo e o Diabo, denunciando as desigualdades sociais.

À luz de uma comparação com o discurso de Rousseau sobre a origem das desigualdades entre os homens, esse ato é interpretado como alegoria de um falso contrato social e lei fundadora do Brasil. Sendo entendida como expressão do discurso da classe dominante, a fala do narrador pactário é investigada como uma retórica de legitimação e da dissimulação em que se revela o que pode chamar a função diabólica da linguagem. (BOLLE, 2004, p.43).

Para Bolle, essa obra de Guimarães Rosa é o mais completo e complexo retrato do Brasil, pois apresenta, em sua escrita labiríntica, um “mapa alegórico” do país, apresentando aspectos sociais, econômicos e políticos de uma sociedade dividida em classes, sob o olhar de uma população marginalizada. Narrando, através da memorização individual de um personagem, a “história coletiva dos sofrimentos e a de um relato criptografado sobre o país” (BOLLE, 2004, p. 46), faz, dessa obra, o romance de formação do Brasil.

Visto como pano de fundo desses paradigmas da literatura universal, *Grande Sertão: veredas*, embora narrando a história de um indivíduo, tem também características marcantes de um romance social, como vimos através da comparação com os ensaios de formação do Brasil. Ao encenar os antagonismos sociais, inclusive as estruturas de dissimulação desses antagonismos – a arqueologia da servidão, a história de mão-de-obra, as relações entre cidadão e sertão, o regime de desmandos, o problema social e a indagação sobre a identidade do ‘povo’ e da ‘nação’ -, Guimarães Rosa apresenta no seu romance elementos básicos da formação do país. Por meio da biografia de Riobaldo, inclusive a sua história familiar e a história de sua alma, é contado uma história social do Brasil, que através desse enfoque micro histórico e da perspectiva de dentro, ganha em concretude e profundidade. (BOLLE, 2004, p. 377).

Bolle argumenta que *Grande Sertão: Veredas* é uma obra ficcional que ultrapassa as barreiras de uma obra literária, não apenas em termos estéticos, mas, também, como documento social, histórico e político. O romance aponta, através de um falso diálogo entre os personagens – narrador e interlocutor – em uma inversão de papéis da realidade – povo e classe dominante –, essa ausência de diálogo que, segundo ele, é a maior causa da maioria dos problemas sociais do Brasil.

A obra coloca em cena a falta de entendimento que é social, histórico e político. O pseudo diálogo entre o narrador sertanejo e o interlocutor letrado – que é na verdade um imenso monólogo – e uma encenação irônica com papéis invertidos, da falta de diálogo entre as classes sociais, o descaso dos donos do poder para o povo humilde, em que pesam quatro séculos de escravidão, representa um imenso atraso para emancipação do país. (BOLLE, 2004, p. 385).

Para Bolle, é um romance que, através da narração labiríntica, fragmentada e em rede, desconstrói os discursos já prontos sobre o Brasil, revelando um país, até, então, não contado. Acompanha a narrativa de um personagem contraditório



(Riobaldo) que aspira tornar-se classe dominante, mas que o faz por caminhos não tão claros, como os já tradicionalmente encontrados nos modelos que seguem o romance de Goethe. Ainda assim, segundo Bolle, trata-se “de um romance de formação de um indivíduo, mas dentro de um projeto mais arrojado: a construção de uma cultura coletiva, incorporando as dimensões políticas da esfera pública, da cidadania e dos conflitos sociais”. (BOLLE, 2004, p.382). De maneira muito particular, Rosa utiliza um personagem comum para seu ambiente sociocultural e histórico – o jagunço letrado – mas com características que o tornaram único e que perpassam, em suas narrativas, os caminhos que apresentam a sociedade brasileira como única. Foi fundamental, então, para desconstruir esse olhar um outro olhar a contrapelo, nesse contexto, no sentido benjaminiano, isto é, um olhar no sentido contrário daquele considerado como padrão.

A obra de Guimarães Rosa, lançada na década de 1950, foi um divisor de águas na literatura brasileira. Com uma receptividade estética social excelente e uma crítica literária extremamente positiva, em pouco tempo, tornou-se um cânone da literatura moderna brasileira, como romance social do Brasil, assumindo o papel de obra modelar do modernismo para os escritores desse período e do posterior a ele. Segundo Pressler (2011, p.127), no momento em que a obra foi lançada, “a crítica brasileira passava por uma fase de amadurecimento e mudança, suscitada pelas ideias da nova crítica defendida por Afrânio Coutinho, que propunha um caráter científico às análises textuais”.

Todos os romances escritos antes da obra de Guimarães Rosa passam a ser lidos, fazendo-se juízo de valor deles e os comparando à sua obra, não apenas em termos estéticos, mas de representatividade social, passando, por vezes, por uma injusta comparação, por se desprezar a liberdade das obras, quanto à criação e estilo. O modernismo foi um movimento de volta para o indivíduo, para a realidade cultural e política do país, para motivações próprias observadas pelos autores e que os inspirasse a produzir.

Nesta situação de formação nova da crítica, surgiu no tempo certo, no lugar certo, do homem certo e com um título certo o romance que marcou a época e toda a literatura brasileira do século XX: *Grande Sertão: Veredas*. A partir daí, a história da literatura brasileira foi dividida em antes e depois de Guimarães Rosa (1956) como a história moderna do Brasil se divide em antes e depois de Juscelino Kubitschek (1955-1960). O antes pertencia às três gerações<sup>2</sup> do Modernismo com suas expressões regionais: José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz, Jorge Amado e Dalcídio Jurandir. A crítica posterior comparou toda a produção literária à de Guimarães Rosa, pois o único romance do escritor que desafiou tanto ‘o horizonte de expectativa’ da crítica foi rapidamente canonizado e tornou-se modelo inquestionável. (PRESSLER, 2011, p.128).

Para Pressler, a recepção positiva da obra pela crítica, no momento em que a literatura busca se reinventar, foi fundamental para o estabelecimento do romance de Rosa como cânone do romance social brasileiro. Toda uma geração de escritores (que

2. 1a. geração – De 1922 a 1930 – Iniciou-se com Semana de Arte Moderna – fevereiro de 22, a “Fase Heróica”;  
2a. Geração – De 1930 a 1945 (a dos “romances sociais”) e 3a. Geração: de 1945 até hoje, a “Geração de 45”.

vieram depois) pôde se balizar por essa obra, com uma nova abordagem construtivista e histórica da literatura brasileira. Mesmo autores já premiados e consagrados da época passaram a observar a sua estética e estilo em suas obras posteriores, tal como Dalcídio Jurandir – já consagrado escritor e romancista – que queremos mostrar nesse artigo.

Segundo Nunes, Dalcídio ficou visivelmente impactado com a leitura da obra de Rosa, o que seria observado nos seus romances publicados posteriormente.

Em 1963, momento da publicação da *Passagem dos Inocentes*, encontrei-me, no Rio, com Dalcídio, então emocionalmente abalado, senão traumatizado, pela leitura de *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa. Escritor nato, ele jamais tentaria imitar Rosa; mas esse impacto estético serviu para despertar nele as mais recônditas potencialidades de sua linguagem, um tanto recalcadas pela vigilância realística, senão política, que exercera sobre o seu estilo, sem que jamais tivesse podido afiná-lo ou desafiná-lo pelo metrônomo do realismo socialista, então fórmula adotada pelo Partido Comunista Brasileiro a que desde a juventude pertencera. (NUNES, 2011 p.70).

E ainda, segundo Pressler,

Jurandir já era um jornalista e escritor feito; seis dos onze romances estavam publicados (de *Chove nos Campos de Cachoeira* até *Passagem dos Inocentes*) e mostram o painel do projeto literário e os resultados da fase experimental do escritor das décadas de 1930 a 1950. O que Nunes relata, com toda a razão, como lembrança do grande crítico filosófico de Guimarães Rosa e Clarice Lispector, não pode e não deve se tornar (pré)conceito para uma interpretação raramente aprofundada e detalhada nas trilhas da nova atenção acadêmica. (PRESSLER, 2011, p.130).

A obra de Guimarães Rosa, mesmo sendo uma leitura “labiríntica e difícil”, foi bem recebida, sob o aspecto estético. Mas, como observa Bolle, “curiosamente, numa apreciação bastante unilateral da obra”. Ainda assim, o ponto de referência é o romance; seus contos “não foram objeto da mesma atenção”. (PRESSLER, 2011, p.130).

Segundo Bolle, Rosa foi classificado como o maior expoente do romance regionalista; um autor que conseguiu transpor as barreiras estéticas do regionalismo, tornando-se universal, canônico. “O regionalismo pode ser definido como o traço mais característico da ficção brasileira; é uma procura da identidade nacional, através da representação do homem que vive no meio rural”. (BOLLE 1973, p.15, cf PRESSLER, 2011, p.131). E com esse forte traço em seu romance, Rosa narra, em seu romance ficcional social, a realidade do sertanejo sofrido, com o olhar crítico de quem conhece, intimamente, a realidade social daquela população.

Segundo Pressler, sem ter a pretensão de desmerecer a grandiosidade da obra de Rosa, é necessário reconhecer a importância de autores como Dalcídio Jurandir que, por não ter sido bem recebida a sua obra, quanto ao seu valor estético, pela crítica especializada da época, não teve o reconhecimento merecido. Pelo contrário. Foi, durante muito tempo, ignorado nos meios literários, apesar de ter sua genialidade – como escritor – reconhecida pelos prêmios que recebeu em vida.

Ao contrário de *Grande Sertão: Veredas*, *Chove nos Campos de Cachoeira* não é o único romance de Jurandir; trata-se do início de um projeto de ciclo romanesco em torno da grande herança do romance burguês do século XIX, executado como romance moderno de formação com todos os recursos do romance do século XX: ‘transgressões inter e intratextuais’, ‘transgressão de aspectos linguísticos, nas esferas semântica e sintática’ (ASSMAR, 2003, p. 26 a 43, cf PRESSLER, 2011, p.131); aplicação do novo discurso narrativo com monólogo interior, discurso indireto livre, ainda no estilo naturalista realista, mas já alegórico-moderno. Este discurso narrativo complexo em tempo e voz sobrecarregou a crítica contemporânea. E ela não viu, nesta obra, a temática nacional, enredada a partir do Norte, aparentemente ‘vestida’ como um romance regional de um outro sertão, não dos ‘campos gerais’, mas dos campos alargados. (PRESSLER, 2011, p. 131).

Bolle, atualmente, se dedica a estudar e entender a escrita dalcidiana, produzindo vários trabalhos na linha de análise documental, utilizando o romance como forma de pesquisa. Para ele, o ciclo romanesco de Dalcídio Jurandir se constitui numa rica fonte de pesquisa, que ele classifica como “uma obra fundamental para o conhecimento da Amazônia do século XX.” (BOLLE, 2011, p. 44). Num artigo intitulado *A escrita da história do Marajó, em Dalcídio Jurandir (2011)*, ele analisa, especificamente, o romance *Marajó*. Para ele, a narrativa desse romance se aproxima da realidade contida em documentos oficiais: “Marajó aproxima-se bastante dos estudos historiográficos e sociais” (BOLLE, 2011, p. 44).

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política. 7ª ed. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOLLE, Willi. A escrita da história de Marajó, em Dalcídio Jurandir. **Novos Cadernos NAEA**, v. 14, p. 43-78, 2011.

\_\_\_\_\_. **Grandesertão.br**: O romance de formação do Brasil. São Paulo: Duas cidades; Ed. 34, 2004.

JACOBS, J. / KRAUSE, M. Der Deutsche Bildungsroman. München, C. H. Beck 1989.....

JURANDIR, Dalcídio. **Romance Marajó**. Pará: CEJUP, 1992.

MAAS, Wilma Patrícia Marzari Dinardo. **O cânone mínimo**: o Bildungsroman na história da literatura. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NUNES, Benedito. Dalcídio Jurandir: Oscilações de um ciclo romanesco. **Asas da Palavra** (UNAMA), v. 13, p. 228-247, 2010 – 2011.

PRESSLER, G. K. Dalcídio Jurandir — a escrita do mundo marajoara não é regional, é universal. **Revista do GELNE**. RN. V. 4, n. 1, 2002. Disponível em: <http://www.periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9151/6505>. Acesso em 09 set 2015.

QUINTALE Neto, Flavio. **Para uma interpretação do conceito de Bildungsroman**. *Pandamonium germanicum*. Abr/2009.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-464-1



9 788572 474641